

## Introdução

O objetivo desse relatório é compartilhar com o leitor um pouco dos meus<sup>1</sup> momentos e vivências adquiridos durante o estágio de docência. Estágio exigido como quesito necessário para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III.

É interessante lembrar que o estágio acontece nos Componentes Curriculares Prática Pedagógica III e IV. Especificamente na Prática Pedagógica IV há um momento reservado para observação; outro para a prática docente. Antes disso, cursei Prática Pedagógica I e II, são disciplinas mais teóricas nas quais discutimos sobre os PCN's, a relação professor-aluno, a história do ensino de história, multiculturalismo, identidade, inclusão, pude entender que o ato de ensinar não é neutro nem tampouco deslocado da sociedade. Pelo contrário, está inserido em suas teias relacionais, em alguns casos a reproduz, em outros a modifica.

Sendo assim, tais discussões não devem restringir-se ao âmbito acadêmico, devem perpassar e orientar nosso ofício de professor-educador. Pois assim, a sala de aula não será um espaço somente de exposição de conteúdos, será também um espaço de produção de conhecimento, de produção de cidadãos críticos e menos passivos.

Para discutir melhor meus momentos no estágio, dividi o relatório em dois momentos. No primeiro discuto um pouco sobre a observação e minha primeira aula; no segundo, falo sobre as outras aulas que ministrei.

---

<sup>1</sup> Como trata-se de um relato de uma experiência pessoal, tomei a liberdade de escrever na primeira pessoa do singular.

## I – Primeira Etapa do Estágio

No segundo semestre do ano letivo de 2009, eu e minha turma do Curso de História, turma 2005.2, entrávamos no quinto ano do curso e uma das disciplinas anuais a ser estudada nesse período seria Prática Pedagógica IV, ministrada pela Professora Doutora Marisa Tayra Teruya. Durante o primeiro semestre, participei de debates em sala promovidos pela professora, planejei aulas e iniciei o estágio supervisionado.

Na universidade, durante as aulas, estudei e discuti juntamente com os colegas, e sob orientação da Professora Marisa, possibilidades de metodologias de ensino para empregar nas aulas de estágio. Meu desejo, e talvez dos colegas, era ouvir da professora uma metodologia pronta que fosse capaz de ser empregada em todas as ocasiões tornando o ato de lecionar algo quase mecânico. Para minha infelicidade (e depois percebi que para minha felicidade), Marisa informou a inexistência de fórmulas prontas quando o assunto é ministrar aulas. Segundo ela, cada um de nós deveria escolher sua própria metodologia tendo como norte suas concepções teóricas, pois a mesma interfere na forma de pensar o passado<sup>2</sup>, o fazer do historiador bem como a relação professor-aluno. Somado a isso, deveríamos considerar a realidade da escola e dos alunos, ao fazer isso, tanto eu quanto os colegas evitaríamos planejar aulas que não atendessem as necessidades do público alvo: os discentes.

Depois das discussões em sala, passei para a parte prática, ou seja, iniciei o estágio docente no dia 22 de outubro de 2009 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. O primeiro teve como propósito iniciar as observações, ou seja, o primeiro contato meu e dos demais estagiários com a escola e os alunos que acompanharíamos durante o estágio.

Quando cheguei ao colégio, senti-me um pouco deslocada, pois não me senti acolhida pelos funcionários, talvez tenha tido essa impressão por ser minha primeira vez naquele ambiente. Para sentir-me mais a vontade, fui

---

<sup>2</sup> Ver Certeau. CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: A Escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 65- 119; JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2007.

procurar meus colegas da faculdade e a Professora Marisa, aos vê-los, situei-me e comecei a observar a escola, atentei para o espaço físico da escola, achei que aquele era defasado em relação à estrutura do prédio.

Depois de conhecer a estrutura física da escola, eu e os demais estagiários fomos divididos em duplas. Formei dupla com minha colega de sala chamada Paula, nós duas acompanharíamos a Professora Fátima Filipo, em uma turma do Ensino Médio, mais precisamente o 2º ano F noturno com aproximadamente 25 alunos.

Quando tocou para o segundo horário, eu e minha colega nos deslocamos para a sala de aula. Eu estava um pouco tensa e nervosa, mas tranquilizei-me, pois sabia que não iria ministrar aula, e sim, observar a turma do 2º ano F. Ao entrar na sala, fomos recepcionadas pela Professora Fátima Filipo e nos sentamos no fundo da sala, pois lá, eu e Paula tínhamos uma melhor visão do ambiente em que nos encontrávamos. Ali observei que a sala de aula de certa forma ampla, porém, parecia pequena devido ao mau aproveitamento do espaço. Havia um grande número de carteiras e um número significativo delas encontrava-se inutilizado por estarem quebradas. Além das carteiras, prejudicava a estrutura da sala as janelas quebradas e a má iluminação.

Dentro desse ambiente mal cuidado percebi que a prática é bem diferente da teoria, isso a princípio deixou-me um pouco desanimada. O que me animou foi a turma, pois no primeiro contato, parecia ser composta por pessoas calmas que estavam ali com o propósito de estudar apesar do cansaço depois de um longo dia de trabalho.

O assunto ministrado pela professora Fátima era "Escravidão", para abordá-lo tinha como recurso o livro didático, lia o texto e pedia aos alunos para acompanharem a leitura e participarem da aula. Notei que durante a leitura, Fátima não explicava algumas palavras pertencentes a um vocabulário mais elevado em relação ao nível da turma, essas palavras eram importantes no entendimento do texto e para diversificar o vocabulário dos alunos. A falta de explicação talvez esteja relacionada ao modo como a leitura do texto é tratada, ou seja, de modo corriqueiro como se a mesma não fosse uma facilitadora no ato de ensinar.

Outro ponto chamou a minha atenção, foi a constante saída dos alunos para fora da sala de aula. Chegou um momento que achei que a professora iria ficar sozinha na sala, pois mais da metade da turma saiu. Quando tocou o sinal, eu e Paula saímos da sala. Esse primeiro contato com a turma deixou-me satisfeita e mais aliviada. Antes de conhecê-los imaginava que a turma pudesse ser extremamente agitada e difícil de ser controlada.

Após este dia de observação passei a preparar minha aula e pensar na melhor maneira de ministrá-la. O tema a ser discutido era Escravidão, a partir dele discutiria o “Escravo Urbano”, a “Democracia racial” e a “Cultura afro-brasileira”. Objetivando criar uma forma de chamar a atenção dos discentes, tive a ideia de utilizar como recurso didático algumas gravuras trazendo imagens de negros em diferentes situações; somada as imagens, usaria fichas com os temas da aula escritos nelas, e a música “Negro Nagô”. Elaborei também o plano a ser entregue a professora Fátima. Revisei o material selecionado e pensei que seria uma aula muito boa, pois tinha escolhido bons recursos para abordar a temática. Isso me tranquilizou para a aula do dia 29 de outubro de 2009.

Chegou o grande dia. Minha tranquilidade anterior transformou-se em ansiedade e nervosismo. Os dois foram aumentados pelo fato de Paula, colega com a qual eu fazia dupla, não poder apresentar a aula comigo, pois iria ministrar o aulão. Eu me sentia preparada para falar, pois havia estudado e planejado passo a passo da aula. Mesmo assim, o nervosismo e a ansiedade eram maiores do que eu. Já na escola, procurei ficar um tempo longe dos outros estagiários e da professora Marisa Tayra, pois queria me acalmar um pouco. Resolvi entrar em uma sala vazia para ficar um tempo em silêncio procurando controlar-me. Comecei a passar mal, meu coração acelerou devido ao medo sentido por mim e ao meu problema cardíaco. Quando menos esperei, o sinal tocou me trazendo para a realidade: era hora da aula. O sinal me assustou ainda mais, meu coração acelerou. Devido a isso, achei melhor aguardar um instante antes de ir para o 2º ano F. Já a caminho da sala, encontrei uma colega que vinha me avisar da hora. Entrei na sala e fiquei aguardando, mais ou menos 10 minutos enquanto a outra colega finalizava a sua aula.

Enquanto minha colega terminava sua apresentação, eu me tremia e tinha vontade de sair dali rapidamente. Quando ela terminou sua fala, levantei-me, comecei a caminha para frente da sala e pensei “É agora, seja feita a vontade de Deus!”. Entreguei o meu plano de aula<sup>3</sup> à professora regente, em seguida me apresentei à turma e iniciei a aula. Dei uma olhada panorâmica no ambiente para sentir as impressões dele e se era possível colocar a turma em círculo como havia planejado. Percebi que a formação do círculo seria demorada devido à grande quantidade de carteiras em sala, isso retardaria bastante a aula. Como não fiz o círculo, acabei não usando as fichas preparadas por mim como recurso didático. Diante dessa situação refleti sobre a necessidade de conhecer um pouco da estrutura da sala antes de planejar a aula, além disso, aprendi que o planejamento é apenas um orientador e não uma lei imposta e que precisa ser seguida a todo custo, pelo contrário, deve ser flexível ao ponto de adaptar-se as circunstâncias e imprevistos surgidos durante a aula.

Adaptei a metodologia da aula para expositiva-dialogada. Iniciei a aula recapitulando o assunto discutido anteriormente. Enquanto falava, o nervosismo diminuía, mas, mesmo assim, meu coração continuava batendo acelerado. Continuei revisando a aula anterior para depois tratar dos temas do dia: “Escravo Urbano”, a “Democracia racial” e a “Cultura afro-brasileira”.

Fiz uma sondagem, assim saberia de modo rápido o que os alunos conheciam sobre o assunto em pauta. Perguntei a respeito dos escravos urbanos e já de primeira alguns participaram relatando a sua visão sobre os escravos que viviam na cidade, então fui desenvolvendo a aula e a cada problemática que era lançada, os alunos de um modo geral participavam expondo as suas idéias. Indaguei se hoje ainda havia escravos. As respostas foram diversas, alguns diziam que se consideravam escravos do seu próprio trabalho. Peguei esse gancho para falar dos senhores donos de escravos no Brasil Colônia e Império e fazer uma ligação com o presente. Os alunos comparavam os senhores de ontem aos patrões de hoje. Comecei a gostar do ritmo da aula e fui me acalmando cada vez mais.

---

<sup>3</sup> O plano de aula pode ser lido no final da Primeira Parte do Relatório.

Saí do ponto referente à relação senhores e escravos para discutir a Democracia Racial. Abri o livro didático, pedi que um aluno lesse o primeiro trecho do texto sobre o assunto existente no livro. Iniciou-se um debate muito satisfatório em torno do tema, alguns alunos expuseram seus pontos de vista e até mesmo alguns problemas enfrentados no seu dia a dia como o preconceito, já que muitos deles são negros.

Um aluno fez um discurso dizendo ser excluído do meio que vive por ser negro. A partir dessa fala, levantei a questão: Quem se considera negro aqui na sala? Neste momento todos participaram com exceção de um rapaz que tinha dificuldade de se expressar por ser “mudo”. Alguns disseram que eram negros, outros que eram pardos e poucos que eram brancos. Depois de ouvir os alunos, falei que era negra e todos me olharam surpresos, pois tenho pele clara, continuei dizendo que se o que corre nas veias de um negro é sangue negro e a minha mãe é negra, o que pode correr nas minhas veias? Respondi que só pode ser sangue negro, inclusive a maioria de nós tem sangue negro herdado dos nossos antepassados. Por isso, não devíamos nos sentir excluídos da sociedade, e sim, participantes dela, pois o Brasil, segundo Freyre<sup>4</sup>, é uma mistura de etnias e de culturas.

Dentro do tema também trabalhei a questão das cotas para negros na universidade essa discussão causou bastante divergência de opiniões. Após isso, eu iria utilizar a música “Negro Nagô”<sup>5</sup>, já que a mesma fazia praticamente um resumo do assunto discutido em sala, além disso, era um samba, ritmo de origem afro. Porém, no exato momento que eu iria lançar a proposta da música, o sinal tocou e não foi possível concluir o assunto.

Em meio a todas as discussões houve um momento que se retiraram da sala duas garotas, então pensei: Será que não estão gostando da aula e os outros alunos também irão sair? Mas foi engano, pois com poucos minutos as mesmas voltaram e ainda participaram dos debates. Tudo isso me deixou mais calma, percebi que era desnecessário tanto nervosismo. No final, entreguei uma atividade<sup>6</sup> aos alunos, avisei que a mesma seria recolhida na próxima aula, cumprimentei a professora e sai da sala muito satisfeita por ter

---

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>5</sup> A letra da música pode ser lida ao final da Primeira Parte do Relatório.

<sup>6</sup> A atividade pode ser lida ao final da Primeira Parte do Relatório.